

Demarchi, o artesan do verso antropofágico

Adelto Rodrigues Gonçalves – UNIP

Doutor em Literatura Portuguesa – USP

E-mail: marilizadelto@uol.com.br

Fone: (13)3591-8096

Data de chegada: 13/11/2013

Data de aprovação: 20/03/2014

DEMANCHE, Ademir. *Pirão de sereia*. Santos: Realejo/Secretaria de Cultura de Santos, 2012. 268p.

I

Datas redondas exigem balanços como forma de se perpetuar em papel a vida passada por entre os dedos ou, neste caso, por entre versos. Em tempos de Internet, nada disso é possível porque *sites*, *blogs* e *facebooks* criados há alguns anos costumam se desmanchar no ar ao sabor dos provedores e das circunstâncias. Sem contar que os responsáveis por revistas eletrônicas também envelhecem e morrem e com eles se vão essas aventuras intelectuais.

Com o papel, não. A perenidade é maior, embora não seja eterna, ainda mais em países úmidos em que o mofo, o bolor e a traça tudo devoram. Tivesse Jesus Cristo escolhido para apóstolos doze analfabetos – e não homens letrados, entre eles até publicanos, como Mateus, por exemplo, que sabia contar e anotar a coleta dos impostos –, hoje, por certo, ninguém saberia o que teria dito no Monte das Bem-Aventuranças para mais de cinco mil fieis, sem alto-falantes nem gravadores, valendo-se apenas da sonoridade natural da montanha à beira do Mar da Galileia. Basta dizer isso para se ressaltar a importância do papel e do pergaminho, onde se registraram os manuscritos, em comparação com os atuais e etéreos meios digitais.

Mas a que vêm essas reflexões? De quem, um dia, descobriu na Ilha de Rhodes que os gregos antigos sabiam como construir um teatro de arena em que o ator podia falar e ser ouvido por toda a plateia, igualmente sem dispor de alto-falantes? Vêm, a propósito, da edição do livro *Pirão de Sereia*, do poeta Ademir Demarchi, que marca os 50 anos de vida de seu autor e 30 de lida com poesia, assinalados em 2010. E que, como denuncia o próprio título, constitui também uma homenagem à Antropofagia, movimento artístico brasileiro da década de 1920, fundado e teorizado pelo poeta paulista Oswald de Andrade (1890-1954), que costumava ironizar em suas obras a submissão da elite brasileira aos países desenvolvidos e propunha, em contrapartida, a deglutição cultural das técnicas importadas para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em produto de exportação.

Entendia Andrade que era preciso “devorar” o estrangeiro para adquirir suas qualidades espirituais e produzir algo novo – isso é o que faz Ademir Demarchi em *Pirão de Sereia*, seu 15º livro em que reuniu uma produção poética de três décadas publicada em obras anteriores acrescida de parte ainda inédita. O legado antropofágico, porém, está mais presente nos livros *Os mortos na sala de jantar* (2007), *Passeios na floresta* (2008), *Palavras cruzadas* e *Preceitos da dúvida (ano?)*, que fazem parte deste volume comemorativo, ainda que apareçam de maneira eventual em outros. É de assinalar que esses dois últimos livros saem à luz pela primeira vez. Eis um exemplo desses versos em “Antropofagia consentida”, que estão em *Os mortos na sala de jantar*,

nervosa, a mídia ganiu
um alemão comeu outro
em antropofagia consentida
longe de absurdo, normal
pesquisa demonstra:
para o consumo há à disposição
oferecidas 500 novas pessoas
dispostas a se darem
ao deleite de serem comidas

De *Os mortos na sala de jantar*, o professor Raul Antelo diz que é um livro que se une à tradição de André Breton (1896-1966), Paul Claudel (1868-1955) e Roger Caillois (1913-1978), no gosto pelas pedras e pelas escrituras lapidares. Já na epígrafe de seu livro, Demarchi reproduz um epitáfio de Marcel Duchamp (1887-1968): *além disso, é sempre os*

outros que morrem. E acrescenta outro de sua lavra, à guisa de dedicatória: *aos cadáveres que a vida nos dá de comer*. A propósito de epitáfios, o poeta dá a sua própria definição

*epitáfios são epígrafes
de histórias que continuam
túmulo adentro
Mais adiante, acrescenta:
das velas e
do morto o odor
das vidas queimando*

II

Nascido em Maringá, interior do Paraná, Demarchi vive há mais de 25 anos junto ao mar, em Santos, no litoral de São Paulo, experiência que está mais evidenciada em livros como *Costa a Costa* e do *Sereno que enche o Ganges* (2008), já traduzido para o espanhol e publicado no Peru em 2010, e ainda em *Janelas para lugar nenhum* (1993). Em *Costa a Costa*, lê-se esta homenagem às cidades siamesas de Santos e São Vicente:

*no alto do morro do itararé
o vento aos olhos sussurra
com aleivosia os sabores
das carnes doces da baía
salpicada de navios e contêineres
azulada como um peixe
sanguínea como uma sereia no cio
subo para vê-la, desço para perdê-la.*

Ainda que nos versos de *Os mortos na sala de jantar* ressoe certo tom poético da década de 1980, é em *Maria, a cidade sem rosto* (1985, edição mimeografada) que está mais clara essa percepção de um mundo que saía dos tempos de horror da ditadura militar (1964-1985). Como nestes versos de “Cemitério de estátuas de Moscou”, em que o poeta demonstra também o seu precoce desencanto com a utopia soviética, que, naquele tempo, embora caminhasse célere para a desintegração, ainda seduzia a juventude contestadora:

*no cemitério de estátuas de moscou
não há silêncio
não esse que se conhece*

*mudas e castradas, as estátuas estão russas
erigidas desde a revolução
lá estão, humilhadas
de lenin, pálida de estupor
de brejnev, impávida no uniforme
de stalin, maneta depois de inúmeros braços
liderando um exército de outras
formando uma corja sem fim de estátuas menores
de comissários aprisionados na pedra e no tempo
agora sem partido mas todos ainda disputando espaço
com a grama
num lugar desimportante que mereceria chinfrim
o nome de medusa cemitério jardim*

Já em *Preceitos da dúvida*, Demarchi exercita versos curtos, nada líricos, que anseiam se tornar epitáfios ou máximas, na tradição dos dísticos gregos e romanos, rimados ou não, procurando constituir “(...) uma saída para o lugar-comum em que se tornou a expressão poética contemporânea, tributária cordata e senil de modelos asfixiantes”, como diz o próprio autor, que aqui se mostra como um perfeito artesão do verso antropofágico. Eis alguns exemplos:

*o jornalista
é o coveiro
do inesperado*

*o jornal
a cova
do deteriorado*

*quem não morre
envilece*